

OFICINA DE POESIA

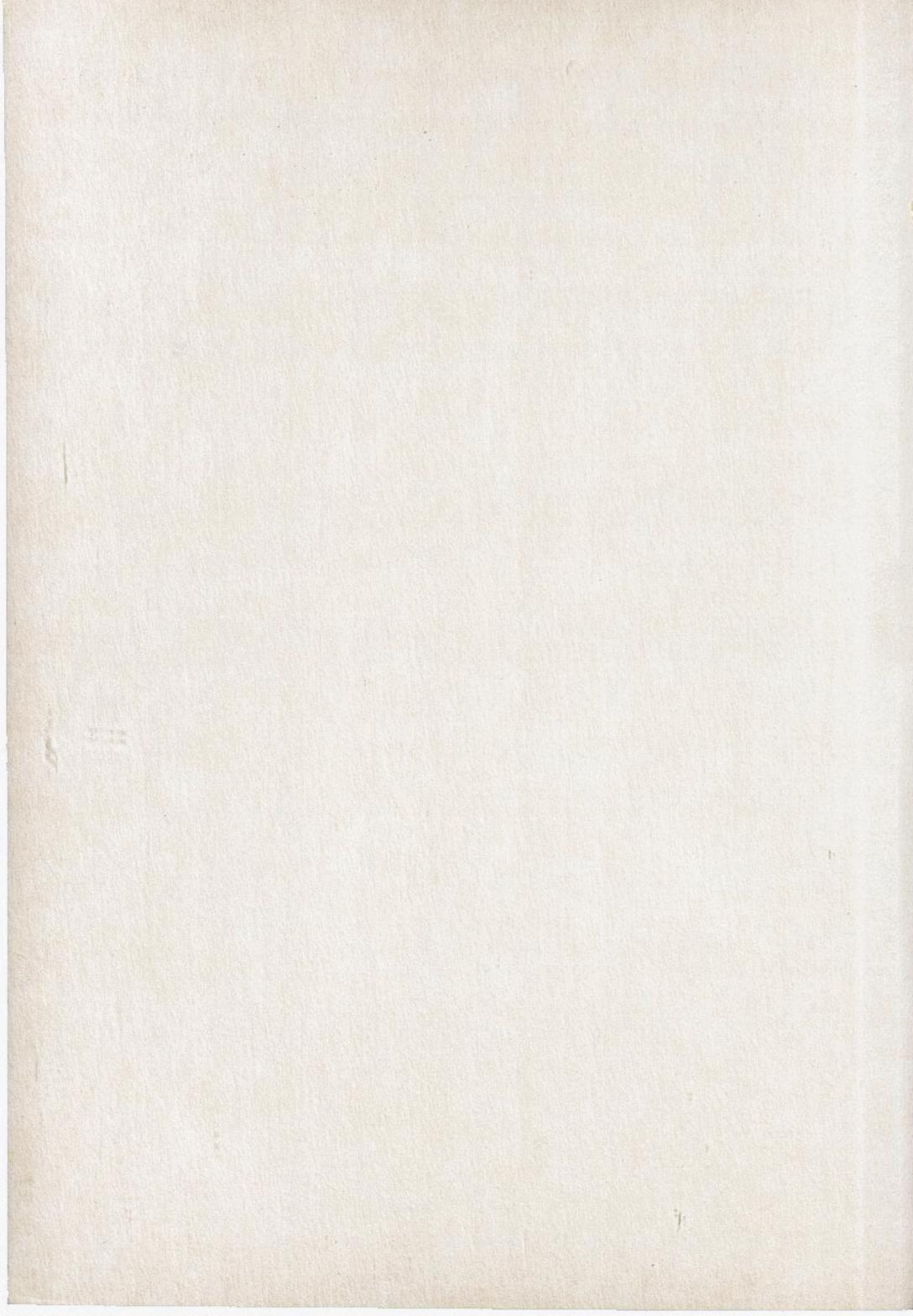
A "Oficina de Poesia" nos 800 Anos de Idanha-a-Nova:

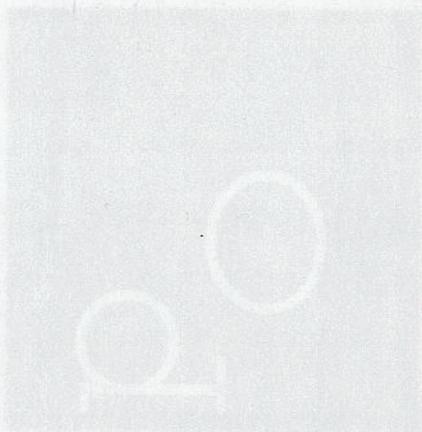
Raia e Fronteira
Margens e Centros
Identidades

Imagem de:
Martha Moraes

Inéditos de:
António Salvado Alpedro Pérez Alencart
Helena Villar Janeiro e Xeris Rabade Paredes
Pedro Marques de Armas Christopher Sawyer-Laungano

Palimage
Imagem-Palavra



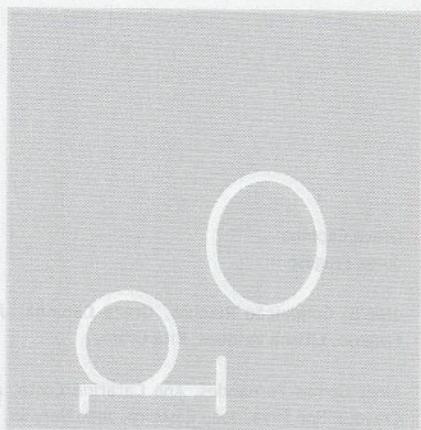


revista
OFICINA
de
POESIA

N.º 6
série II

COIMBRA

2 0 0 6



revista
OFICINA
de
POESIA

N.º 6
série II

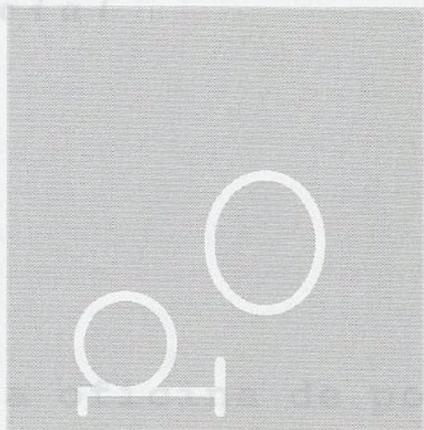
COIMBRA

2 0 0 6

Ficha Técnica

Directora	Graça Capinha
Subdirector	Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	aNa B, Conceição Riachos, Graça Capinha, João Rasteiro, Jorge Fragoso, Liliana Vasques, Rita Grácio.
Conselho Editorial	Aires Gomes Fernandes, Ana Catarina Costa, Ângela Canêz, Filipe Cravo, Filipe Silva, João Rasteiro, João Nery Sá, Jorge Melicias, Jorge Nande, Margarida Amorim, Pedro Pedrosa Silva, Sandra Guerreiro
Colaboração especial	Alfredo Pérez Alencart, António Salvado, Christopher Sawyer-Lauçanno, Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes, Martha Morais, Pedro Marqués de Armas
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Palimage Editores Palimage Editores
Capa	aNa B
Apoio	Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES – Cento de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra Câmara Municipal de Idanha-a-Nova
Contactos	Palimage Editores Apartado 3105 3511-902 Viseu Tel. 232 432 244 – Fax 232 432 247 e-mail: palimage@palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/06
Execução Gráfica	Palimage / Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas
Distribuição	Palimage Editores Rua Conde Henrique, n.º 18, 1.º Esq. Fte. 4715-349 BRAGA Telef./Fax: 253 25 83 84 e-mail: distribuicao@palimage.pt

especial



de poesia
nos 800 anos
de idanha-a-nova
deira
margens e centros
idades

OFICINA de POESIA

revista da palavra e da imagem



Palimage Editores
A Imagem e A Palavra

Equipa Técnica

**Direção
Substituição**

**Conselho
de Redigentes**

**Conselho
Editorial**

**Colaboração
científica**

**Preparação
gráfica**

Capa

Artista

Composição

Impressão

**Distribuição
e circulação**

**Publicação
e circulação**

Publicidade

Luís Filipe de Sá
Jorge Mota

Luís Filipe de Sá, António Lopes Cabral, João Baptista, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa

Luís Filipe de Sá, António Lopes Cabral, João Baptista, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Jorge Mota, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Sandra Guerreiro

Luís Filipe de Sá, António Lopes Cabral, João Baptista, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Sandra Guerreiro, Pedro
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Sandra Guerreiro

Luís Filipe de Sá, António Lopes Cabral, João Baptista, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Sandra Guerreiro

Luís Filipe de Sá

Luís Filipe de Sá, António Lopes Cabral, João Baptista, Jorge
Mota, Carlos de Sousa, José de Sousa, Sandra Guerreiro
Revista da Universidade de Coimbra
CES - Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra
Revista da palavra e da imagem
Comissão Nacional de Ética e Ciência

Publicação Editores, Apartado 7-05, 3511-902 Viseu
Tel. 351 432 744 - Fax 351 432 757



Publicação 7, Barão de Kinnair, Lda - Alentejo, Lisboa

Publicação Editores

Rua Cândido Mendes, 1, 1.º, 1.º - 114, 114, Lisboa

Publicação Editores
Rua Cândido Mendes, 1, 1.º, 1.º - 114, 114, Lisboa

Em Outubro de 2005, o curso livre "Oficina de Poesia" deslocou-se à vila raiana de Idanha-a-Nova, na Beira Baixa, para realizar uma leitura de poemas no Centro Cultural Raiano. O convite da Câmara Municipal, para a realização desta actividade de extensão universitária, surgiu no âmbito das Comemorações dos 800 Anos da Carta de Idanha-a-Nova (1206-2006). Ao longo de um ano (de Janeiro de 2005 a Janeiro de 2006), a Oficina de Poesia desenvolveu-se numa natureza de trabalho comunitário e de participação colectiva, em que o/a artista e o/a poeta se encontram no âmbito de uma comunidade. Esta questão, menor para alguns, é contudo a questão fundamental — poética e, simultaneamente, social e política — que subjaz à própria existência da "Oficina de Poesia". Muitas têm sido, por isso, as actividades de extensão universitária desenvolvidas ao longo de já quase 10 anos de vida: levando a poesia às escolas, às bibliotecas públicas, aos centros culturais, aos teatros, aos cafés, às ruas, etc. Porque a poesia, como toda a arte, se não estiver na comunidade, se não estiver no meio das gentes e das ruas, perde a razão da sua própria existência: perde o seu poder transformador (transformador), o seu poder de por em movimento (verdadeiro signifi-

Em Outubro de 2005, o curso livre “Oficina de Poesia” deslocou-se à vila raiana de Idanha-a-Nova, na Beira Baixa, para realizar uma leitura de poemas no Centro Cultural Raiano. O convite da Câmara Municipal, para a realização desta actividade de extensão universitária, surgiu no âmbito das Comemorações dos 800 Anos da Carta de Doação desta vila aos Templários pelo rei D. Sancho I (1206).

Ao longo de um ano (Janeiro de 2005 - Janeiro de 2006), a autarquia promoveu inúmeros eventos de natureza científica e artística, num exemplo raro de investimento na cultura: numa cultura que não se esgota em produções de e para uma elite, mas antes numa cultura viva, que se define como acto de participação colectivo, em que o/a artista e o/a poeta se encontram no âmbito de uma comunidade. Esta questão, menor para alguns, é contudo a questão fundamental — poética e, simultaneamente, social e política — que subjaz à própria existência da “Oficina de Poesia”. Muitas têm sido, por isso, as actividades de extensão universitária desenvolvidas ao longo de já quase 10 anos de vida: levando a poesia às escolas, às bibliotecas públicas, aos centros culturais, aos teatros, aos cafés, às ruas, etc. Porque a poesia, como toda a arte, se não estiver na comunidade, se não estiver no meio das gentes e das ruas, perde a razão da sua própria existência: perde o seu poder transformador (transformador), o seu poder de por em movimento (verdadeiro signifi-

cado do estético), de criar e partilhar novas visões do mundo que, assim, se verá renovado.

Em Idanha-a-Nova aconteceu mais um momento de partilha e de transformação: apesar do frio de uma noite de chuva e nevoeiro, o público da poesia esteve lá. E ouviu os/as poetas, também eles/elas transformados/as pela paisagem e pelas gentes que os/as receberam.

A escrita criativa surgiu com exercício de "catch" (realizado durante a Jornada científica que acontecera durante o dia, em que vários investigadores apresentaram trabalhos centrados nas questões da raia, da identidade, da fronteira e do território), seguindo-se os exercícios de variação e derivação, bem como de escrita a várias mão/vozes. Antes do jantar, houve apenas tempo para um curto ensaio de leitura, mas a apresentação pública foi, como de costume, uma surpresa. A "Oficina de Poesia" lia em português, tendo sido antecedida pelas vozes galegas dos poetas de Santiago de Compostela, Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes. Em tradução do poeta António Salvado e lidos em português pelo tradutor e, em castelhano, pelo autor, ouviram-se também os poemas do peruano-espanhol Alfredo Pérez Alencart, a viver em Salamanca. Todos eles conhecem bem a realidade da fronteira, a realidade dos centros e das margens; todos eles conhecem a importância social e política da poesia nas suas vivências e nas suas línguas. Aqui contribuem com alguns inéditos. A seu lado, o cubano Pedro Marquês, este ano a participar semanalmente no seminário da "Oficina de Poesia", porque, ao abrigo da Rede Internacional de Cidades-Refúgio, lhe coube partilhar o seu exílio, físico e poético, com a cidade de Coimbra. Finalmente, Christopher Sawyer-Lauçanno, também ele conhecedor do confronto entre centro e margem, um poeta norte-americano de origem

catalã, biógrafo de autores entre o centro e a margem também, autores como Paul Bowles ou E. E. Cummings.

A fotógrafa brasileira Martha Morais, que também acompanha este ano a “Oficina de Poesia”, termina a nossa lista de convidados: as suas imagens de Idanha-a-Nova e do seu concelho surgem como mais um brilhante exercício de poética que, relevantemente, ilumina e se deixa iluminar pelas palavras.

O último livro do poeta brasileiro Álvaro Alves de Faria (que também participou numa das leituras de poesia em Idanha-a-Nova) é motivo para mais um pequeno texto crítico, o prefácio da edição brasileira, que aqui se publica ainda como inédito.

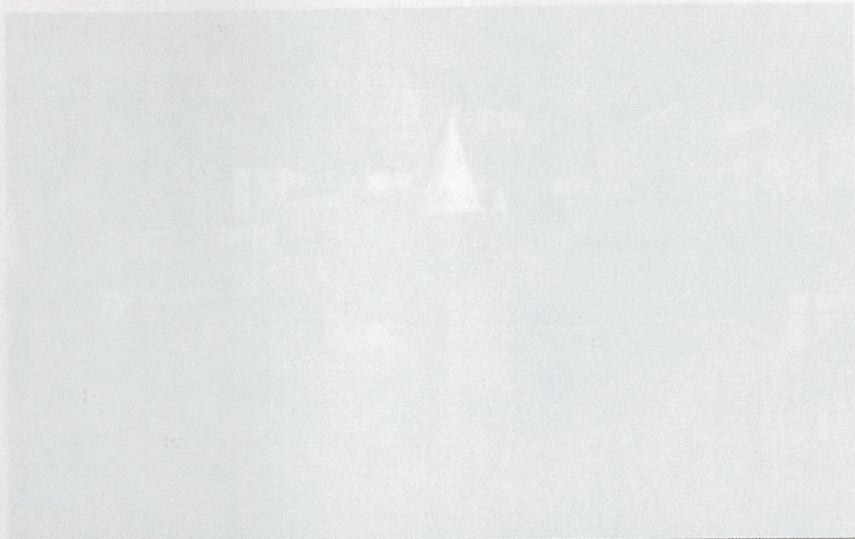
Esperamos que este número especial seja mais um contributo da “Oficina de Poesia” para encontrar esse lugar de centro, uma ausência entre o local e o transnacional que caracteriza, no dizer de alguns teóricos, a identidade portuguesa: para isso, estamos em crer, para ancorarmos numa posição de identidade nacional, precisamos decerto dos poetas e dos artistas, de órgãos de poder local que entendam (como, pelos vistos, a Câmara de Idanha-a-Nova quer entender) qual é o verdadeiro património que interessa legitimar — e precisamos ainda de uma ligação estreita entre esses actores e a universidade, que mais não faz do que cumprir o seu verdadeiro desígnio: ser uma universidade.

Graça Capinha

MARTHA MORAIS



MARTHA MORAIS



MARTHA MORAIS

[14]

Sinuosos penhascos...

Sinuosos penhascos e os sibilos
da terra a pincelar os fumegantes
olores que se evolum pelos trilhos
de caminhos surgidos de meandros
de margens debruadas a inverno
de águas geladas e de branca neve.
E no entanto por aqui um dia
hão-de gemer sementes a florirem,
ridente primavera rendilhada
de pássaros cruzando os horizontes
e um calor lento anunciando o ar
do túmido verão porvir recôndito.

ANTÓNIO SALVADO

Somente o sonho...

Somente o sonho engendra quentes frutos
ou permite o dourado dos trigais
e faz correr a fonte e ondular
no distante horizonte um céu sem nuvens.

E adormecer no despertar do dia
matizado de sol e primavera
ou contar pela noite os astros livres
cada a brilhar ardente em sua esfera.

Ou de jasmims e goivos coroada
afrodite das águas renascida
(uma mulher passando jovial
pelo sonho do sonho quase a ir-se)...

Ocultamente... OS ANTIGUOS RITOS

(São Pedro de Vir-a-Corça)

Ocultamente levas através
das horas que compõem o rosário
da tua solidão luz do passado
ou sombra do-já-ido que a renega.

Os momentos sofridos e festivos
a conta a conta se desfiam quedos
num silêncio que apenas é partido
pelo suor que escorre pelos dedos.

Ah se pudesse renegar memórias
que te acompanham como à noite o escuro!
Eliminar de algumas dessas horas
a cor cinzenta de ferais crepúsculos!...

Somente o sonho... Oculmente...

Somente o sonho... Oculmente...
Somente o sonho... Oculmente...
Somente o sonho... Oculmente...
Somente o sonho... Oculmente...
Somente o sonho... Oculmente...



MARTHA MORAIS

ALFREDO PÉREZ ALENCART

EL LUGAR DE LOS ANTIGUOS RITOS

(São Pedro de Vir-a-Corça)

ÉSTE es el lugar de los antiguos ritos,
el espacio donde los dioses parecieran hablar
al humedecido corazón de los hombres.

Aquí me encuentro yo,
inmerso en un profundo soliloquio,
alabando este indispensable refugio del misterio
mientras los árboles exudan esjismos,
fieles a las eternas circunstancias del oráculo.

En tanto silencio los alcornoques alojan su raíz
dentro de enormes rocas, surgiendo de ellas
como frutos ofrecidos por la alquimia natural
para acompañar la oración de los creyentes.

En qué creer sino en la necesidad
de sentir lo más sagrado?

Las nevaduras del origen alumbran su ausencia
en el escenario que circunda la ermita:
los helechos conforman un manto de sombras,
la lluvia reciente deja su rastro a la entrada de la gruta,
el viento ronda para ver por dónde sigue tallando el granito
y algún rumor casi inaudible va invadiendo mi silencio.
Madura la mañana en este extraño paraje

del Santo Amador y me encuentro seducido
por una marea de secretos sustentando lo increíble,
inyectando recompensas para mirar por ellas.

Como hombre me anillo y me desanillo
en mi demasiado desconcierto.

Y compruebo que outra vez quedo compartiendo
ciertas esencias de lo sagrado.

MONSANTO

EL espesor de la piedra
(o la lluvia depositando su voz lustral)
convocan una repentina reflexión
sobre la muerte.

Pero justo ahora no podemos morir.

No, no podemos caer
ni plegarnos a las sombras:
la montaña abre su lealtad hasta el límite.
y nos mantiene en la altura
donde el hombre se conmueve
por compases sostenidos
con susurros de antiguos dioses.

Quedan ciertas huellas (un concierto
de luces, una fortaleza en equilibrio)
junto al adaptable espejo
del ayer e del mañana.

ALFREDO PÉREZ ALENCART

SERRA DA MALCATA

HE aquí una tierra
que se alimenta de ausencias,
de cantos que aún ignoro.

Sólo percibo un ligero temblor
sobre las hojas humedecidas.

En el bosque de las laderas
la claridad resulta infinita.

HELENA VILLAR JANETRO
XESUS RARADE PAREDES

Como se fora un serrantiño luso
-cecais o derradeiro na Galicia -
o rinchón do pomar
serra a mañá.

Argubazos de sono caen nos eidos,
e no lamber dos cuxos
hai soño
e hai misterio



MARTHA MORAIS

ALFREDO PÉREZ ALENCART

SERRA DA MALCATA

HE aqui uma Serra
que se alimenta de madeira
de cantos que são iguais.

Sólo percebe-se o lugar
sólo se percebe.



MARTHA MORAIS

Como se fora un serrantiño luso
– cecais o derradeiro na Galicia –
o rinchón do pomar
serra a mañá.

Argubazos de sono caen nos eidos,
e no lamber dos cuxos
hai soño
e hai misterio
esbarando engordiño polas antergas lousas.

Eidos,
patria de touros-nenos
que endemaxais ollaron coa testa hergueita e fera
cara pró matadeiro...

O rinchón madrugueiro do pomar
serra,
serra,
no ar.

Aquel can medonamente
vente, pasar,
é cala.

HELENA VILLAR JANEIRO
XESÚS RABADE PAREDES

¡Que fermoso era o río
que tivo dez meandros!
Terra inantes da terra
ferida polo arado
do lecer e da dor
en dez xeiras de vento...
Ela, como o poeta,
coa grandura da noite por bandeira,
ía sobre o horizonte, desbuzada
na miserable anguria:
sete rosas
murchadas
unha a unha.
E cando un novo suco nugallán viña engorde,
sombra de fume no cristal do tempo,
e xa non atopou a súa meixela,
¡que badalada tráxica tanxías
campaíña da igrexa...!

Fóronse pasantonte coas olladas
penduradas das lousas.
Emigraron no outono,
como as follas.

Quedan as vigas podres,
a teitume e as pedras,
unha figueira torta
diante da porta pecha
e un can — que non axuda
na terra da sorpresa,
nen llelo mercou nadie,
que sobran cas na aldea —.
Un can que non ladra ó forasteiro.
Adeprende e agarda
polo alleo que queira abri-lle a porta
que deixaron pechada.

 Aquél can medoñente
veme pasar,
e cala...

Forse passante cose ollabari a ate nomel au!
Fondrean zed ouf au!
erst ab sejnem eriel
obare oiaf ariaf
fop ab a jecel ob
otnev ab asarex zed in
atod o omo, ab

Quedan as vigas podres,
a feiture e as pedras,
casas
como as follas,
Emigran no outono,
gonduzdas das louzas.



MARTHA MORAIS

LONGUE DURÉE

es esta la palude
calculada a beneficio por ingenieros
de bigotes variablemente musso-
linianos

gente que vino de esotra parte
cavó aquí su tumba (recto de pájaros
flor vesical fértil en tirrénicas
playas)

(aunque oscureca si
y el pájaro de la hora)
no son la caída
de Occidente

(que va la fiesta en luto
que va el sol a pique
que va la nave con Fraud
y la peste)

pero se trata de Pota
hizo crac el Eje quebró
también la sogá
en los atraca-
deros

PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

vi puercos en el agua
en barcazas precarias
(no eran pecaríes)
que llegaban de Yucatán -luego

orillados dispersos en ribazos
hasta poblar las ordenanzas
del tal Alonso de Cáceres

fue al comienzo del sueño
antes que tierras marcaran
lindes y aunque perseguidos por severa ley
modelaron una cultura de pequeño formato

pero han vuelto al agua
en barcazas todavía más precarias
que parten a Guam

(Caída de los precios)

que va la fiesta en luto
que va el sol a pique
que va la nave con Freud
y la peste

pero se trata de Pote
el occiso de Café
(Montmartre)

sus bigotes de manubrio
(aunque oscurece sí
y el pájaro da la hora)
no son la caída
de Occidente

(que va la fiesta en luto
que va el sol a pique
que va la nave con Freud
y la peste)

pero se trata de Pote
hizo crac el Eje quebró
también la sogá
en los atraca-
deros

PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

(claraboya)

y sin embargo
sigue gente escalando
por la escala (que daba)
al vacío (o que dicen) que-
daba

junto al gancho mayor

PEDRO MARQUÉS DE ARMAS

detrás de tu casa
hay un campo de ho-

rror

crece entre las demás casas
a través de la

tuya

y hasta el con

-fín

at the OK chorale
a hurricane stalking the reeds.

MARTHA MORALS



MARTHA MORAIS

[34]

CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

Themes and Variations

for Eric Malone

Something keeps sneaking in
between the clarinet and the guitar
In the corner of my eye a blur, a streak,
something red. In the corner of my ear
scurries, little feet, paws, antlers rubbing
against the wall, perhaps a tail dragging
across the floor. And that
shrill wail? It's certainly not an
accordion, not a violin.
Could it be an organ grinder
with a trained monkey?

Something keeps sneaking in
underneath the clarinet.
I think it's hiding
in the canebrake
or just beyond. But I more than sense,
in that non-sense
sense, in the downward sweep,
the upward plunge,
the tintabulant tin tin tin
at the OK chorale
a hurricane stalking the reeds.

Something keeps sneaking in
between the radio and the clarinet.

It has bison horns
and cloven feet and
huge black eyes
and ears that waggle
in the prairie wind.

It refuses to announce itself,
just stands there, arms akimbo,
as if to say my presence
is your absence.

Something keeps sneaking in
encircling the sampler and the clarinet.

Which is the way it is these days
as the dark grows longer
than Pinocchio's nose
and the light only stands still
for a brief moment before
giving itself up for dead.

Down by the river the horizon grows.

And I think I see a muskrat
foraging in the brown skunk cabbage.

Something keeps sneaking in
playing foosball with the clarinet.

"Cleared out of the clear."

Or something akin. Something larger
than the "s" in snake, serpent, stupendous.

surprise, serendipity. It's there.
Hunkered in the bunker
with an old Gene Autry 45
(record, not revolver). Yet on approach
it disappears, only to reappear above us
dancing in the cold clear light

what can it possibly mean for our perspective?

There are ghosts in the machine
and in the large brushed room lead to slabs of white
little white yodals of past moon

She said she saw the mice clearly
but he thought she said mice

If the weather changes again
does it mean that the roses are gone?

Days, nights and the inbetween
Sorry excuses for trampling

He has ignorance on his side
She has only not knowing

If a hedgehog can be turned into stardust,
what can we do with a sea anemone?

CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

Uncoupled Couplets

If Euclid is askew
what can it possibly mean for our perspective?

There are ghosts in that painting,
little white yodels of past events.

She said she saw the mice clearly
but he thought she said mites and accused her of lying.

If the weather changes again
does it mean that the roses are doomed?

Days, nights and the inbetweens.
Sorry excuses for trampling the lilacs.

He has ignorance on his side.
She has only not knowing.

If a hedgehog can be turned into stardust,
what can we do with a sea anemone?

CHRISTOPHER SAWYER-LAUÇANNO

.Magic Music

for Gerrit Lansing, word musician/magician

The Chinese gong is tuned
in accordance with the cymbals,
and in the large hushed room
rhapsodic intervals

swell an embellished scale.

A few crane their ears,
divine a hidden madrigal,
a lucent score that soars,

whirls, dances on tiptoes,
whispers for a moment, then
descends like hailstones
chasing summer rain

The aim is not to hit the target
but to find your quiver and bow.
He said he could talk a bluestreak
but couldn't write without a dictionary.

Yesterday the boats were in the water.
Maybe things will turn out all right.

fronteira, esse mapa de espadas - linha no peito
 - onde os verbos jorram a grande criação
 do enxame uniforme
 a poeira lavada por fora e a lisura da haste presa
 nas solas onde a retina sempre se prende

na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fabri-
 cando uma única cor forçada



à alavanca

MARTHA MORAIS

The aim is not to hit the target
but to find your quiver and bow.
He said he could talk a bluestreak
but couldn't write without a dictionary.

Yesterday the boats were in the water.
Maybe things will turn out all right.



MARTHA MORAIS

[42]

fronteira, esse mapa de espadas – linha no bolso
 – onde os verbos jorram a grande criação
 do enxame uniforme
 a poeira lavada por fora e a lisura da haste presa
 nas solas onde a retina sempre se prende

Fachaste as janelas?

na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fabri-
 cando uma única cor forçada
 – tampa de artifício – nessa mortalha de pontos

a ligação inicia-se **DENTRO** pois os braços ligam-
 se para além das franjas onde as lâminas nos constru-
 íram sombras de sombras

é na margem das coisas
 que começam as acções iniciáticas
 nas margens dos compêndios milenares
 compilados pela cadência das vozes
 é na margem que se encastram as fissuras, os
 pilares de dezassete mil pontes elevando-se
 face à atrocidade

puxado o fulgor no terreiro dos gumes há-de tocar
 o piano de gomos – a muitas mãos –
 num movimento rumo à maior largura da cor

hermanos e irmãs que somos no lugar do humano
 encontramos-nos – numa nova alma de pólvora face
 à alavanca

fronteira, esse mapa de espadas – linha no bolso
– onde os ventos joram a grande chafaz
do enxame uniforme
a poeira lavada por jora e lixura da haste press
nas solas onde a retina sempre se prende
na minúcia volátil do espaço, um nada estranho fald-
cando uma única cor forçada



MARTHA MORAIS

A linha da liberdade

Li na lombada, limites do livro
 palavras paralelas
 Fechaste as janelas?
 pousadas sobre as quinas
 escudelas gravadas, desusadas
 Passos apressados dobrando esquinas.
 espalmadas as letras, prensadas,
 douradas, saídas da noite, cores pretas
 Ide, ide, que são os gajos da...
 daquela cor indecifrável
 não a das letras de que me falas
 Corram, deixem as malas!
 Mas quero levar o livro, o livro!
 Palmilhados cerros, corgatos,
 pesperros e regatos
 a salto por montes abstractos
 Um manto real, lençol branco
 ali, à tua beira
 cobrindo o corpo
 que não passou a fronteira.
 O livro já não é revolucionário
 mas estará contigo, agora aberto,

AIRES GOMES FERNANDES

Raiando

Um fio, água que fosse
Mãos que te traçam, pés que te pisam
E tu ondeias, espírito seláquio
achatada pela arraia miúda
espezinhando nascentes, rios e montes
Tiras os filhos aos pais
Dietizas a tua linha invisível
És medusa, sinuosa, atraente
És adorno, padrão, marco, chão de ninguém
Alcanices, alcanças distância
Cansada, testa perturbada
Raiando nessa festa de divorciados
Anéis, palmos de guerra, outros arraiais.
Quantos punhais te cravaram?
Já foste catraia, cresceste
Agora és raia
Ordenas que entre, que saia
Passado parente
Irmão futuro
Do outro lado também há gente.

do medo de pisar a fronteira
e não haver mais barcos do lado de lá - que era a
sua ruminação o oposto das sacas salidas
do internamento (o que há de intermédios)
já se sabe que o envelope alberga tudo - isócrato



MARTHA MORAIS

AIRES JONES FERNANDES

Ralando

Um fio, água que fosse
Mãos que te tocam, pés que te pisam
E tu, criança, escrito seláquio
achando para outra vida
esperando os parentes, rios e montes



MARTHA MORAIS

1

do medo de pisar a fronteira
e não haver mais barcas do lado de lá – que era a
sua ruminação o oposto das sacas saídas
do internamento (o que há de intermitente)
já se sabe que o envelope alberga tudo – indirecto
e a possessão esse entulho
em tudo
quando ia para espezinhar – o oleiro sempre regres-
sava
a mandar abater os agouros – de que lado é que vem
o vento assim que a alfaia pode falhar
– e o sertão das sete donzelas
com o cerco que era capaz que lavrassem
os gritos o cimo das
covas (não se prejudicam)
Há uma porta e várias grades

ÂNGELA CANÊZ

2

Se os caminhos
forem até ao fundo – a perfuração das casas
do entulho em tudo iluminações
até que se ponha de gatas . por terra
e liga os mesmos
no vintém provável – São pedras
por cima de pedras encardidas. fardos de andar
de vão em vão agora não pode voltar-se
a mudança ia levar muito tempo – dissuadir
da entrega –
e urtigas que carregavam para dentro
das esferas – a poeira já não podia
de tanto – por dentro
a perfuração. Há sítios com pás
sibilantes implicam embater (vassouras)
por muito menos se calcam
– vai lá ter que já volto
paragens de aqui e vão – fora de si
que foram todo o caminho
a dizer mal das urtigas

a língua
 é que vinha trocada desta e de outra terra
 (semi-terra) vocábulos amparados
 no decaimento
 também há disso nas solas, depois
 é o posto fixo e decisão do seu
 trajecto re-tempos a tempo do vulto
 o seu critério era esperar no assento
 e por isso perde-se o original
 (tantos resguardos) e a caneca
 fica inteira aos olhos dos surtos
 todos os meninos têm poucas sandálias
 podem subir e atravessar as ladeiras
 misturar as cores num pequeno copo
 e surpreender-se com a própria fuga
 o despertar para o rosto – globos oculares
 Daqui mal se vê essa serra (ela está aqui)
 se calhar é dos plásticos
 marca ter portagem

– repetição e não são casulos
 enquanto pensam

ÂNGELA CANÊZ

4

IDA

dos dez combatentes – de branco
o luxo das catacumbas era morder o serviço
de copos (duas milhas de fios)
que em vida ficam a dobar
de lameiros – era assim que os anticiclones
criavam o riso – por ser mais frouxo
o terror por ser mais
excedentário – excesso de artérias
– o visionamento das telas. E se não
lhes custar muito subir a ponte
a pontaria
(dizia-se que profanavam um custo)
estranho que lhe vai tirando as vigas
cultos domando as farpas
que turvam e deixam-se
falar. subir
que têm bom vagar

se
 NHA
 se tiver direito ao musgo
 (toda a pedreira se detém à espera da resposta)
 e o mito anda lá muito perto,
 qualquer dos recintos tomado às selas
 e são sítios de que rói o diluente
 modo de embate – bases transladadas
 e o ofício das tiras há um
 vaso encurvado
 as primeiras fases do surto – aquele
 que reverte as castas e com as torneiras
 de estrondos
 mesmo não estando lá aos pouco
 já se adensam. dentro do pedido
 ao perder de vista de vista e peça do logro
 tem a ventilação
 a sair pelas falhas – alguma
 marca templária
 – repetição e não são casulos
 enquanto pensam
 quando está cinzento e ninguém
 por lá passa
 como se cordel ainda escapasse
 e logo cresce – alcateia

ÂNGELA CANÊZ

6

peregrinação

esboços de mapas – cartas duvidosas

quantos forem precisos para os alevantar

e retirar da sorte de

– e elas moravam lá perto eram a sua parte

de susto – a suposição à espera de que

fixam nas contas susto

 A moeda de troca é o exemplo

das vinhas quando o rebordo se deteriora

e empenha os fios rebordo se

e o anzol – arrisca-se

que o deslize repare na elevação

pare os restos de côdeas onde

esgrima para teres ido depois das lanternas

terem perdido o arreio (holofotes)

todos eles juntos formam mais de três filas

 – o rito pode iniciar

ritmos de palmas e bandeja

com dobras

 até à cintura

7

porque o
atentado era morder a caldeira
e tirámos dias para que a criança da obra
fizesse o novelo

paramos o novelo no centro da barragem
(da viagem) de folhas sobrelotadas
(arbustos) que vinham ter ao
rio – o que os espantava
construções de todas as partes
– Estamos sobrelotadas
a azinheira com o apetrecho diário
as tabernas cheias (esburacadas)
é aqui
tão à beira ainda se cai
e o pedido era só desenraizar tabuleiros
– caravelas
de passividade – ter-te pintado de
hienas – o sobrenatural
que também se lembra às vezes
quando está cinzento e ninguém
por lá passa
como se cordel ainda escapasse
e logo cresce – alcateia

vê-los de pedras esventradas para
condizer com as solas – sombras de enleio
digressão aos sobreiros no caso
nocturno de meridianos de peças
a poucos dedos do fim – digressão ao centro
das eiras
é que a poeira é muita
e vem toda à vez
agacha dos calos o que semeiam sem
se saber dos cabides
cavidades da terra
máquinas de pedreira – muitas
as pedras às vezes rodam à altura
das castas e cortam os vidros
– assumimos a culpa
a colheita dos últimos resguardos

À beira dos precipícios

Um vento agreste

inventara um fim de si mesma
margem o apoio de braços para
o delírio ser mais suportável e
agarrar-se. ser ao de
mandaram vedar (vendar) todas
as cordas (agarrar-se às margens
pelo que elas têm de peso)

– rótulas

ANGELA CANEVA

À beira dos precipícios
o delírio ser mais suportável e
marginem o spoio de peças para
inventara um fim de si mesma
a poucos dedos do fim – digressão ao centro
das áreas
é que a palavra é multa
e vem toda a vez



MARTHA MORAIS

CONCEIÇÃO RIACHOS

A planície fronteira

Um vento agreste

limita a montanha

Na âncora das raízes

emigram palavras

No trilho granítico

a rota das cruzes em bandeiras fluidas

contra os perigos do caos

Nas grutas

teares trabalham atalhos secretos

veredas marcadas por bárbaros foragidos

De costas voltadas

muralhas e castelos fundem

as grades da viagem

No espaço poroso

a conquistista avança

salta

a planície fronteira

CONCEIÇÃO RIACHOS

Raiando

Na lâmina do horizonte
a força da pedra
configura interioridade
ventos em concha
sopram cardos e seixos
guerras de fé repensam a diáspora
muralhas tardam incêndios
remorsos dormitam
num céu vazio de fósseis

Nas esquinas
caminhos de pão morno
alimentam paisagens

CONCEIÇÃO RIACHOS

Fardas carimbos bandeiras portagens. Cada um é fronteira. É preciso encontrar a fronteira eficiente que não possa ser saltada a fronteira natural artificial fixa ou rígida afinal nenhuma fronteira é final e a última fronteira o espaço poroso que absorve que deixa passar a fronteira da mobilidade âncora das raízes culturais dos caminhos graníticos de muralhas veredas e canhões abandonados e a marcha dos sem fronteira. Viajando cruzam-se fronteiras pátios casas de pedra atalhos veredas afastadas segredos. Para além da fronteira o céu e a terra a travessia a luz a escuridão o lugar móvel fora da lei a reconstrução a conquista o avançar. Fronteira tempo prisão protecção rota margem pergunta império limite memória. Fronteira hipotética linha.

CONCEIÇÃO RIACHOS

Parecia ver
um pássaro minúsculo na
superfície branca de muros radiosos

No espelho verde
tecidos sanguíneos corriam
nas teias do olhar puro

Na cabeça da paisagem
a face esguia da casa
um cheiro a sol e música
nas janelas

CONCEIÇÃO RIACHOS

A sombra toca o beiral que abriga o ninho. Apressado o rio corre no fundo da garganta entre céu nuvens e pedras em equilíbrio. Rosmaninhos e giestas marcam a religiosidade das encostas. Na terra prenehe penedos fragas e barrocas limitam o caudal azul sombreado e branco. Ares puros sublimam a distância.

sobre a pedra sobre
a pedra

encostas

rosmaninhos

na terra prenehe penedos

fragas e barrocas

limitam o caudal

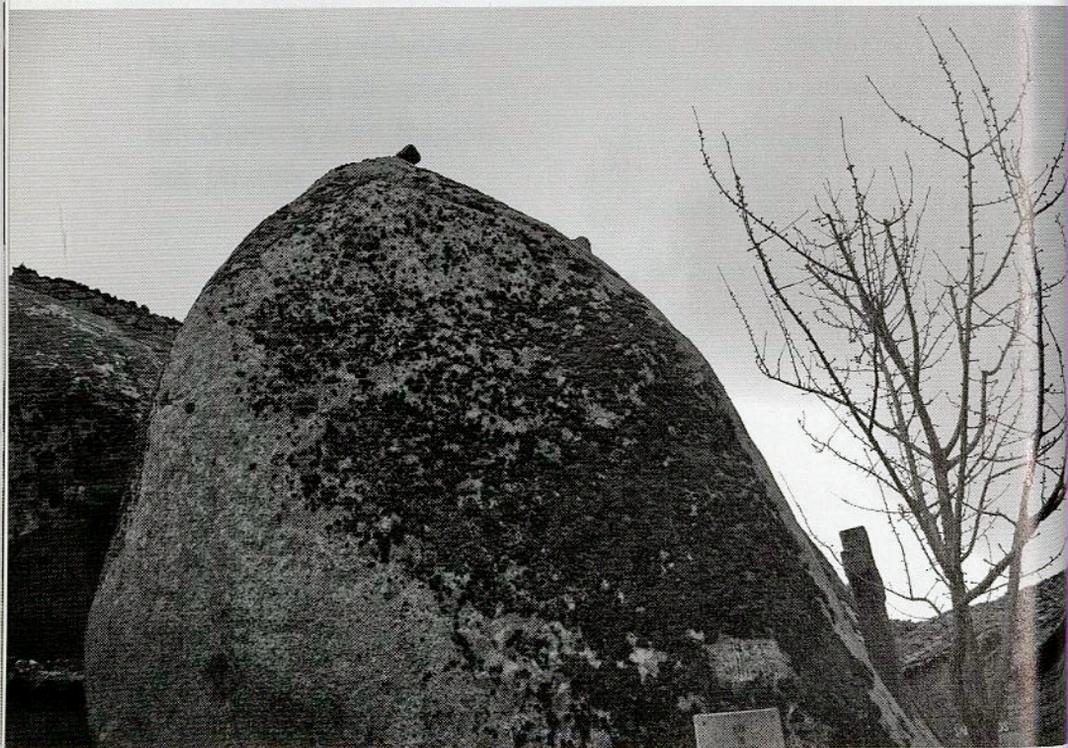
azul sombreado e

branco

ares

MARTHA MORAIS

A sombra foca o detalhe que abriga o ninho. Através
o no como no fundo da garganta lateral, a
pedras em equilíbrio. Os materiais são
a religiosidade das encostas. Na terra, entre pedras
fragas e bancas limitam o caudal, a
branco. Ares puras sublimam a distância, a social
condição de cada um.



MARTHA MORAIS

GRAÇA CAPINHA

As Estrelas "Não tem altura o silêncio das pedras"

Manuel de Barros

o silêncio das pedras
o silêncio pedra
sobre a pedra sobre
a pedra
que é
escarpa
montanha
altura
de água em volteio íngreme
a rasgar azul
o chão e o céu

pedra céu
pedra rio
pedra azul

altura da montanha
que rasga a posição
dos ponteiros
encimados por pedra
e penas

os ângulos
e os silêncios
do abismo

não tem altura
o silêncio
das pedras

no silêncio das pedras
o silêncio pedra
sobre a pedra sobre
a pedra
que é
escarpa
montanha
altura
de água em volume ingente
e fazer azul
o chão e o céu
pedra céu
pedra rio
pedra azul
altura da montanha
que são as pedras
dos contornos
das pedras

As Estações da Pedra

"O desejo flui nas suas mãos cuja delicadeza subtil sentia como nunca. As pedras não pesavam e ganhavam contornos suaves e felinos, de uma si-

nuosa voluptuosidade, de uma ardência solar"

António Ramos Rosa

OUTONO

São tristes e nuas as aves negras
que viajam solitárias nos labirintos
do vento de Outono. A pele seca da
pedra emerge dos teares maduros
até aos pomares das fragas imersas
sob uma memória inicial. Este corpo
não fala porque se fez granito proibido
extremo e fechado em espaços mudos
na alegria abstracta do fogo. A língua
está seca sobre as folhas folas mortos
de Outono. Prontas para novo ciclo
onde cravam os dentes afiados sobre
oliveiras de pedra. Fascinada pelo Sul
uma rosácea aprisionada pelas colinas

JOÃO RASTEIRO

INVERNO

Há um centro velho e um centro novo em ferozes transparências que as pedras acirram. O corpo é simétrico entre o deserto e o oásis apodrecido nas horas estáticas do Inverno. Os tendões quartzíticos da encosta parada escondem entre os dois planos a ânfora estreita dos sonhos. Os pássaros em voos circulares de Inverno entranham a luz absoluta até ser mais memória que luz. O corpo surge segmentado sufocado entre penedos com pequenas raízes e aromas raros separado por espelhos da pedra. As rotas talhadas na rocha viva fundem-se com ela rendidas a uma sede sem limites. A raia espraia-se lentamente estremece em vislumbres sob a alegria dos seus relâmpagos de Inverno.

PRIMAVERA

O fogo oculto foge dessa visão. A raia perfuma os aromas das suas feridas cobertas de cio. O espaço indomável amamenta a fermentação dos sentidos impetuosos em gestos de desejo. Rota de vozes na matriz da carne nua aberta sem contornos. Na interioridade os ecos que acordam as aves os ciclos do mel atraindo as chuvas. As raízes estendem um cheiro radioso de violetas na sede dos teares da Primavera. E os mortos só respiram na linguagem pura nova da identidade metamorfose originária. E a terra acorda no outro lado dos pomares que despertam a boca una. Aí as suas próprias pedras transformam-se em asas que prefiguram o futuro corpo amado desejado reinventado. E a linha da raia procura a visão da madrugada mítica Primavera de frutos ágeis voluptuosos fulgurantes no dorso fronteira luminosa. As oferendas da pele. A construção da luz

JOÃO RASTEIRO

VERÃO

Renascem puras as mãos e as palavras
nos arcos do fogo forjado. As bilobites
brilham na densidade do fulgurante Verão
que coroa o espaço mítico que se estende
transparente na raia. As pedras agora estão
abertas oferecidas ardendo nos aromas
das fragas e das romarias. Os pássaros
respiram oliveiras e pomares sob aromas
novos que se incrustam na pedra um novo
arco. As fragas fundem o Verão como um
feixe de lírios e artérias reinventadas no
mimetismo da pedra negra e branca entre
os cheiros da sílaba antiga e a saliva enigma
da palavra nova que fecunda bocas. E ferve
o mel no cimo da haste do granito. E amo os
sonhos da raia os corpos esses laços de pedra.

JORGE FRAGOSO

Língua Fronteira

Na voz maculada de pedra
nasce o som da fronteira
passo de terra e vento
alguma água



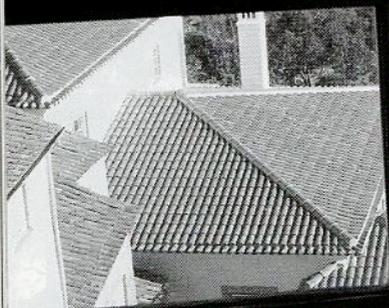
Olho o olhar identidade
fronteira de corpo

MARTHA MORAIS

JOÃO RASTEIRO

VERÃO

Renascem puras as mãos e as palavras
nos arcos do fogo forjado. As bilobitas
brilham na densidade do fulgurante Verão
que coroa o espaço mítico que se estende



JORGE FRAGOSO

Língua Fronteira

Na voz maculada de pedra

nasce o som da fronteira

passo de terra vento

alguma água

linha da raia oculta

o centro voado no interior

da raiz do passo espectro do tempo

branco de luz paragens de longe

Fronteira

fronteira de água mar-oceano rio

horizonte largo

fronteira pedra

risco no chão pisado de lume

fronteira do tempo

a história do tempo

demora do gesto

a construção-memória

Olho o olhar identidade

fronteira de corpo

centro de ser
sangue da margem

a fronteira da língua
a palavra som gráfico desenho
musical
ausência de sentido

tenho uma fronteira
rasgada nos olhos

tenho uma fronteira
cavada no peito

uma fronteira
vencida nos dedos

e voo além do traço

Olhada de cima
do cavalo de asas
a terra
não lavra no corpo
o golpe seco
da fronteira

Água de fronteira e pedra

A água espelha como espelhos de céu. Nuvens por sobre a água. Pedras esquadras sobre os lados da imagem. Céu. Abertas nuvens mascaram o azul. Ausente o sol. As horas des(h)oram o tempo numérico pelo signo ancestral do império. Afinal o suporte é opaco. Pássaros de memória magoam os ramos espetados quase na carne, nas penas, penas brancas, penas de dor, penas aprisionadas no quadrado da imagem. Sem memória, na imagem outra vez opaca, pelas costas da imagem que não se desenha, só a memória pode ser memória do pássaro sem nome. Sem lembrança. Ausente, como o sol lá atrás. Curiosamente há luz. Usado o silêncio da imagem.

JORGE FRAGOSO

As águas
magram as águas

Agua de fonte e pedra
chãos colares, nos
A água espelha como espelhos de céu. Alguns por
sobre a água. Pedras escuras sobre os lados da
imagem. Céu. Áreas nuvens mescladas com
ente o sol. As horas des(orm) o tempo num
dele sim



MARTHA MORAIS

[76]

Extremo Encantado

O ninho diz dez menos dez

O ninho diz

dez menos dez e rodeia meia porta

O ninho diz dez menos dez, rodeia
meia porta e agrega paus

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega
paus e tem uma sombra descendente

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega paus, tem
uma sombra descendente que desagua na água

O ninho diz dez menos dez, rodeia meia porta, agrega paus, tem
[uma sombra descendente que desagua na água
que repete: *o ninho diz dez menos dez*

O ninho diz dez menos dez
O ninho diz
dez menos dez e robéis mais porá
O ninho diz dez menos dez, robéis
mais porá e robéis mais



MARTHA MORAIS

a água que abre o ponto por onde as pedras respiram

a ave à espera do sopro

a água que segura as pedras que respiram abertas

a ave que soprando se abre

a asa que corta o rio

o corte da espera

a espera que corta

a pedra aninha a água

a água aninha o sopro

o corte que segura as nuvens

o céu que fecha o sopro

a água que abre o ponto por onde a ave respira

éguas que abre o ponto por onde as pedras respiram

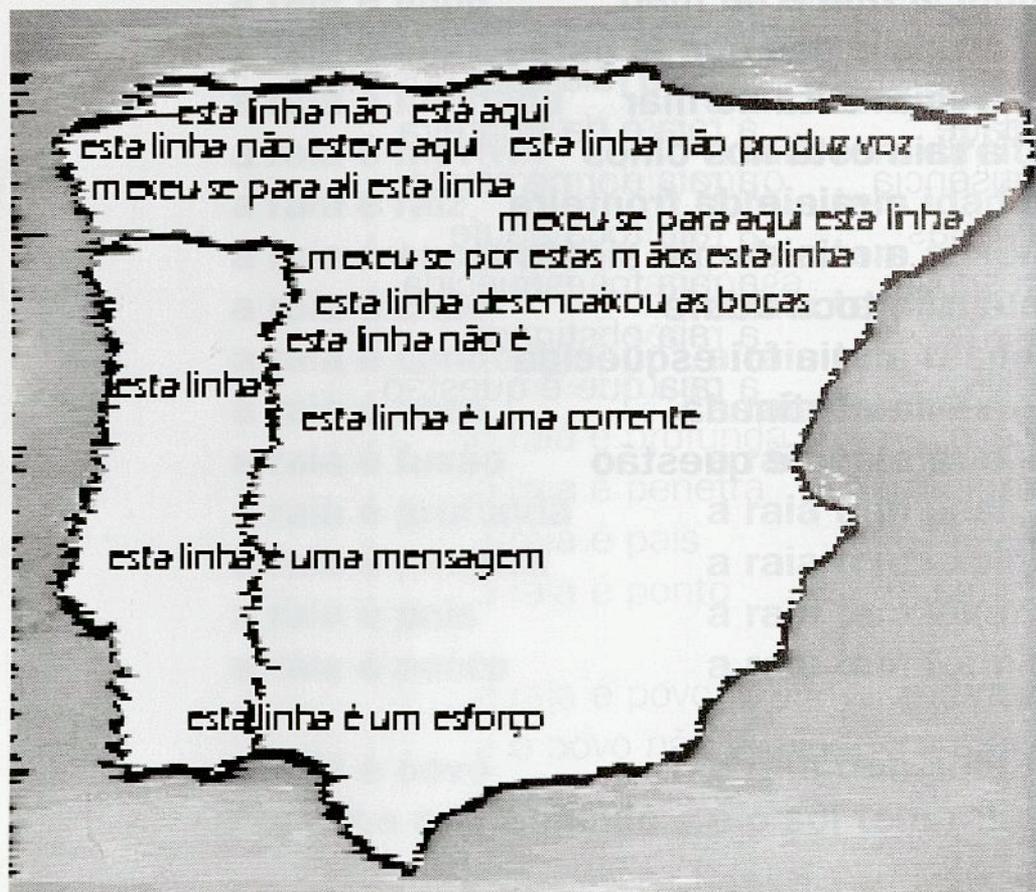
a raia é linha a raia é linha a raia tem lados
a raia é limbo a raia é limbo a raia tem razão
a raia é molhada a raia é molhada a raia tem boca
a raia é movível a raia é movível a raia tem direito
a raia é raiz a raia é raiz a raia tem idade
a raia é encontro a raia é encontro a raia tem ausência
a raia é chão a raia é chão a raia tem línguas
a raia é candonga a raia é candonga a raia tem respostas
a raia é seca a raia é seca a raia tem nome
a raia é fusão a raia é fusão a raia tem divisão
a raia é profunda a raia é profunda a raia tem peso
a raia é penetra a raia é penetra a raia tem explosão
a raia é país a raia é país a raia tem lugar
a raia é ponto a raia é ponto a raia tem forma
a raia é povo a raia é povo a raia tem sombra
e o povo não é miúdo e o povo não é miúdo e o sol tem raia

tem lados a raia é da mão
em razão a raia é dos que lá estão
em boca **a raia é da mão**
a raia é dos que lá estão
raia tem direito a raia está no mar
a raia está no mar a raia está nos olhos
em idade a raia é da fronteira
a raia está nos olhos
em ausência a raia dorme siesta
a raia é da fronteira
em línguas a raia toca adufe
a raia dorme siesta
em resposta a raia foi esquecida
a raia toca adufe
em nome a raia obstinada
a raia foi esquecida
em divisão a raia que é questão
a raia obstinada
em peso **a raia que é questão**
em explosão

em lugar
em forma

em sombra
em raia

Liliana Vasques
Sandra Guerreiro



da pele o poro na espessura da derme
respiração do profundo do lago das memórias
húmidas seivas no centro do fogo
 fusão incandescente de estios sucessivos
frutos em maturação no horizonte
raia das raivas raiadas de esquecimento
dinâmica euforia projectada no futuro

hoje como ontem uma discreta identidade
atravessa os poros dos espíritos
o coração da fronteira

MARGARIDA AMORIM

sobre
terra sobre terra
sobre
pedra sobre pedra
sobre
pena sobre pena
sobre
nuvem sobre nuvem
sobre
céu sobre céu
sobre
tempo sobre tempo
sobre

sobre o rio murmurante tangendo o silêncio das pedras

sobre o sopro sibilante soando cânticos de fronteira

Raia

do interior chamas...
chamas de identidade
chamas de património.
chamas chamam chamas.

de dentro do homem novo
labaredas criativas acolhedoras
laços vigorosos solidários.

vencidos labirintos de uma ativa solidão
(re)construídas pontes
para outras margens

do crepúsculo resignado
à vanguarda do segredo

horas' minutos' segundos'
Ela'

MARTELA MORALIS



MARTHA MORAIS

*O lugar é uma rosácea (de sustentidos)'
esfomeado'*

engole'

[luz

Ela vem no bico da cegonha ancestral:

a mulher em escarpas'

nidifica'

à beira rio'

Todos os dias pela manhã faz exercícios de solidão'

começa por chegar convulsivamente'

no azul'

rompe gengivas de silêncio'

termina no movimento em-si-mesma-dos poços negros

O lugar deve ser amplo

como um andor sem santa sem procissão sem oferendas

[parado

A mulher em escarpas'

nunca conseguiu chegar à última pedra'

Quando o tentava

um cardume de albatrozes

cortava-lhe as unhas'

impiedosamente'

a mulher em escarpas'

tenta ensinar o Relógio-Petrificado-Nú-Cimo-da-Torre'

como contar'

horas' minutos' segundos'

Ela'

que por enxoval tem séculos guardados numa arca de terra
frescos'
límpidos'
certíssimos.
A mulher em escarpas'
palpita árida entre cheiros verdes.
A queda'
produz-se.

pórtico rígido onde tudo começou
universo como porta aberta de o tempo

o agora – este instante raro
dez menos dez coisas
harmonia do firmamento e do mundo

e



MARTHA MORAIS

que por aí fora, têm séculos guardados numa arca de terra
travada
impávida
certíssimos
A mulher em ascetas
paup'ra arida entre charcos verdes.
A queda
produz-se



MARTHA MORAIS

[90]

pórtico rígido onde tudo começou em vossa fala
universo como corda esticada o tempo. a de Pastor.

o agora – este instante sincero
dez menos dez cósmico chegou a Coimbra, pela primei-
harmonia do firmamento estabelecido cionais de Poetas
e da Universidade de Coimbra. Perante este novo livro,
alegria, alegria, alegria... que esse 3º Encontro de poetas

o ventre brota esperançoso o sémen
este escorregadio leite de vida
a jusante onde cumprirá o destino
as leis da física se farão cumprir
e mesmo que o ser humano não faça sentido
todas as coisas neste imenso espaço farão sentido.

L. ALTERIO

político rígido onde tudo começa
universo como corda esticada o tempo

o agora - este instante sincero
deixar menos de cósmico
harmonia do firmamento estabelecido



MARTHA MORAIS

[92]

**O apelo que murmura em vossa fala
(Álvaro Alves de Faria. *Sete Anos de Pastor*.
Coimbra: Palimage, 2005)**

Álvaro Alves de Faria chegou a Coimbra, pela primeira vez, através dos Encontros Internacionais de Poetas da Universidade de Coimbra. Perante este novo livro, parece confirmar-se que esse 3º Encontro de poetas, em 1998, teve, de facto, um efeito de transformação no que era já o longo percurso literário deste autor. Desde 1998 passaram exactamente sete anos — e este novo livro, que é já também o seu terceiro livro publicado em Portugal, tem curiosamente como título: *Sete Anos de Pastor...*

Premiado várias vezes no seu país (por exemplo, com o Prémio Jabuti de jornalismo cultural e crítica literária), este jornalista, romancista, dramaturgo, crítico e ensaísta, além de poeta, fez parte da chamada “Geração de 60” no Brasil, uma geração bem diversificada do ponto de vista das estratégias retóricas e dos objectivos poéticos, mas que teve em comum, como um dos seus principais méritos, o trazer a poesia para o domínio público através das leituras públicas em universidades, em teatros, em bares e cafés. Alves de Faria tornou-se sobretudo conhecido, na altura, porque se atreveu um pouco mais nesse esforço de arrancar o poema ao espaço meramente intelectual, trazendo-o para as ruas de São Paulo, directamente para “o povo”, essa massa anónima de gente que circulava pela rapidez do

espaço urbano, que procurava sobreviver a uma economia selvagem onde, infelizmente, então como hoje, a miséria e o luxo convivem lado a lado. Reeditado em 1997, *O Sermão do Viaduto*, tal como o título indica, foi lido num viaduto, o do Chá, em São Paulo, entre Abril de 1965 e Agosto de 1966, em plena ditadura militar brasileira — com todas as consequências previsíveis para tal acto de subversão: a censura do livro e a repetida prisão do poeta (a história sempre a exibir a grande ironia que é o poder instituído a preocupar-se e a incomodar-se com o discurso poético, aquele que, dizem, não tem poder nenhum sobre o mundo; aquele que, dizem, não tem nada a ver com a ordem do mundo, a não ser um efeito meramente decorativo...).

Desde 1963 (data do seu primeiro livro, *Nocturno Maior*, escrito com apenas dezasseis anos de idade), cerca de vinte livros de poemas tiveram génese na pena deste autor, cuja escrita abarcou tantas e tão diversificadas formas literárias. Em 2003, cumpriram-se 40 anos de poesia, celebrados na publicação da antologia *Trajectória Poética. Obra Reunida*, em que muitos dos seus pares lhe prestam também uma homenagem: falo de nomes tão relevantes no panorama literário brasileiro quanto os do pessoano Carlos Filipe Moisés ou Affonso Romano de Sant'Anna (dois poetas brasileiros que também já estiveram presentes nos Encontros Internacionais de Poetas de Coimbra), António Carlos Secchin ou Carlos Nejar (dois dos que desejamos receber em próximos Encontros).

Quanto à minha humilde presença neste percurso, que me tem dado o privilégio de apresentar Álvaro Alves de Faria ao público português, eu, que não sou uma especialista de estudos portugueses ou brasileiros, mas que olho para as nossas culturas e literaturas de expressão portuguesa a partir

de uma posição outra — a dos estudos norte-americanos, uma posição que me permite uma observação transversal e transdisciplinar, que forçosamente me obriga a desconstruir centros e margens — encontrei Álvaro Alves de Faria quase por acidente. Numa missão de investigação no Brasil, no âmbito de um projecto sobre questões da transnacionalização de culturas, de línguas e de identidades — todo um processo inerente à emigração portuguesa, cujos poetas tenho vindo a estudar — encontrei e entrevistei este filho de portugueses, nascido no Brasil. O que tenho trabalhado sobre a sua obra passa sobretudo pela problemática da poética e da política das identidades em situação de migração e, porque a identidade se faz na língua, questões linguísticas e literárias, como a desterritorialização e a incompletude — do “eu” e das palavras —, constroem a trama da escrita de Alves de Faria, num processo permanente de criação e destruição de padrões, assim sempre inacabados, em que o acto poético (*poiesis* no seu significado original de fazer) se faz comunitário e, nesse sentido, radicalmente político. Estamos pois perante uma voz que se pretende construir como um desafio ao leitor e/ou ouvinte das leituras públicas de poesia, mas também um permanente desafio a si próprio, exigindo-se, simultaneamente, um íntimo envolvimento no espaço social, político e histórico da comunidade. Esta comunidade, sobretudo desde 1998, desde a sua primeira vinda a Portugal (mas decerto já antes, através da presença, na língua e na sua identidade, da memória de um lugar que era já só memória — dos seus pais), passou a ser uma comunidade entre o “cá e o lá”: uma comunidade que é a língua (mas uma mesma língua que é também outra); uma comunidade de poetas que cruza, e recusa, oceanos e tradições; uma comunidade onde o encontro e o desencontro nos devolvem, inevitavelmente, ao agonismo

de toda a linguagem, que é também texto/corpo do sujeito poético na impossibilidade de um *descobrimento* de si que seja a tão almejada síntese.

A primeira parte deste novo livro, *Sete Anos de Pastor*, chama-se, precisamente, “Descobrimientos”. Nela se fundem — através da errância nómada do pastor, da errância nómada que já é forma peculiar do texto/sujeito Álvaro Alves de Faria — o agonismo de toda uma história (que é de colonialismo, não o esqueçamos, apesar de toda a “retórica da irmandade”), uma história partilhada por Portugal e Brasil (entre cá e lá); o agonismo da tradição literária que também dessa história resulta; e o agonismo de uma identidade, que é simultaneamente pessoal e poética.

Os “Descobrimientos”, como sublinhou o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, fazem-se sempre, de forma agónica e em agonia, com penosos “Encobrimientos”. Nos três livros publicados em Portugal, desde 1998, desde a primeira viagem de “Descobrimento” de um também seu lugar outro de ser português (e decerto, também agora, um seu lugar outro de ser brasileiro) — desde *20 Poemas quase líricos e algumas Canções para Coimbra* (1999), passando por *Poemas Portugueses* (2002), até este *Sete Anos de Pastor* — que estes “encobrimientos”, penosos e difíceis, nos anunciam a morte do poeta (ou, melhor dizendo, as muitas mortes do poeta): sempre em agonia, a fazer-se outro na cruel aceitação da sua incompletude identitária, que é também a incompletude da palavra e a incompletude do real.

Ecoando Mário de Sá-Carneiro, veja-se o poema “Carta ao Amigo Poeta Carlos Felipe Moisés” e a luta com a concretude material do real, que é também a linguagem, a surgir metonimicamente nos móveis de uma casa, o lugar que já

se habitou e que se deve abandonar para que o voo possa iniciar-se. Porém, a metáfora de uma libertação, que é o voo, mergulha, paradoxalmente, no escuro da noite, o escuro de que o poeta se veste “sem mais amanhecer” — mas, repare-se, só por “agora”, e até talvez desejando que acabe de vez o penoso processo da procura de uma nova luz e de uma nova casa. O carácter nómada e errante desta escrita — que se manifesta, por exemplo, através de um vocabulário que permanentemente nos remete para a questão da passagem e do descobrimento (de um lugar a outros), mas que se manifesta também através do uso da repetição (que não só trabalha a musicalidade dos textos e o eco, mas também, a nível semântico, nos reporta à circularidade das cartografias) — resulta de um sentimento de deslocação e de um mapa vivencial sempre provisório, que assenta na experiência do que tenho chamado um espaço “entre”, uma espécie de não-lugar, um des-território. Embora não nos demos conta, esse é sempre o espaço de todos nós, mas um espaço que é ampliado e se torna premente naqueles que passam pela experiência da migração: quer a nível pessoal, quer a nível familiar. Veja-se o “rimance” medieval do poema “6 Atos”, em que o poeta se faz um súbdito, que desaparece, na medida em que toda a sua família real, bem como o próprio reinado, desaparecem. Deparamo-nos com uma identidade que se vive na morte, já que a todos o poeta velou; uma identidade que se faz de memórias e que, com elas, se vai apagando.

Como um pastor, o poeta *erra pelo* espaço da memória, por *entre* as formas imaginadas que nos constroem o real presente e outras memórias de outro real passado, quase sempre mitificado, que sincreticamente se afirma no tempo e no espaço actuais: um espaço que se constrói numa espécie

de memória das memórias dos seus pais, um espaço que coloca o poeta (sempre provisoriamente, porque também a memória se apaga) entre as muitas margens do real e da linguagem, e nunca num centro. Veja-se o curto poema iniciado pelo verso “Que me sinta assim morrer antes da Primavera”, em que “dizer” é sempre “dizer de uma certa margem”, e de uma margem de onde sempre se está a partir — logo, dizer significa sempre mentir (mesmo a dor que deveras se sente, diria Pessoa). Veja-se a negatividade estrutural que daqui resulta, bem como as possibilidades abertas à experimentação com a aliteração e a paronomásia, tão características deste poeta.

Se não há centro, se tudo é errância e migração, a errância e a migração tornam-se, de forma só aparentemente paradoxal, no *lugar/mapa* que permanece. O que o leitor encontra nestes poemas são tentativas nómadas de construção de uma imagem de Portugal através de uma memória da memória (a dos seus pais e a dos grandes poetas da tradição literária, como Pessoa e Camões), uma imagem de Portugal que resulta numa imaginação de outras imaginações, numa poética de outras poéticas — e tudo isso a configurar e a desconfigurar a imaginação rizomática de si próprio enquanto sujeito num imenso território. Este é o caótico e fragmentado território do trânsito infinito do poeta pela língua.

A destruição da memória é também a de uma parte de si próprio, que foi encontrada, mas que morre e aí, nessa nova destruição, reside a possibilidade da nova criação, de um novo recomeço: da linguagem de uma identidade em processo. Este é o poeta que morre em todos e cada um dos seus poemas; e que, violenta e agonisticamente, como em todos os partos, volta a nascer, como uma criança, para

uma outra claridade do mundo (mesmo quando a escuridão do túnel parece não ter outro lado).

Que outro grande poeta português poderia aqui dialogar com Álvaro Alves de Faria, senão Fernando Pessoa? E, dos Pessoas, que outro, senão Alberto Caeiro, o mestre de todos os outros, aquele que nos ensina que o único mistério é não haver mistério nenhum? Alberto Caeiro, o guardador de rebanhos, aquele que, ao escrever versos, sente um cajado na mão?

Robert Duncan dizia que todos somos *derivativos*, ou seja, a originalidade romântica (e Duncan era auto-proclamadamente um romântico) é impossível, porque nascemos demasiado tarde, nascemos dentro da própria linguagem, no seio de todas as palavras de todos os poetas antes de nós. Toda a primeira parte de *Sete Anos de Pastor* “deriva” de Pessoa, mas sobretudo de Caeiro. Em “Decisão”, repare-se na forma como o poeta se esquece de todos os “eus” que o observam “diante do oceano”, “partindo de si todos os dias”, esquecendo-se “sem respirar”, o que pode simultaneamente ser lido como morrendo e como esquecendo-se da possibilidade da sua morte.

O encontro com Portugal parece oferecer a Álvaro Alves de Faria o encontro com esta consciência da poesia e de si próprio, fazendo-o *derivativo* e uma pessoa antiga nessa eterna viagem de poeta-pastor — também das fotografias e da memória do seu pai português, dessas ovelhas tresmalhadas de outros “eus” (como podemos ler nos dois poemas intitulados “Pastor”), sempre uma viagem à volta de si próprio. Como se afirma, num dos “Dois sonetos para Inês de Castro”, que funcionam como charneira para a derivação de Camões:

Trazei esse silêncio em vós contido
como se a colher no fim da vida
o que nunca vos fora prometido

Na terceira parte do livro, uma parte que leva por título “Para tão longo amor / tão curta a vida”, os ecos de Camões são óbvios e os quatro sonetos (Raquel, Lia, Labão e Jacob) não são mais do que variações de um mesmo soneto camoniano, o que dá título a esta obra. Nesta parte de *Sete Anos de Pastor*, o poeta assume a máscara de Jacob, pastor que serve Labão, o pai (e dono) de Raquel, a mulher que assim se transforma numa metáfora para a própria poesia. Será Labão Pessoa? Camões? Toda a tradição da grande lírica portuguesa, que o poeta Álvaro Alves de Faria aqui procura servir também? Penso que todos eles fazem parte de mais uma configuração identitária, de onde emerge a figura do desejo — o desejo que permanece na espera do absoluto: Raquel. Nesta, como na última parte do livro, “Poemas para a Rainha”, as mulheres da grande tradição literária portuguesa personificam assim todos os lugares de passagem na errância nómada do poeta, o pastor que serve e que espera pela sua verdadeira amada: a própria Poesia. Contudo, estranhamente — ou talvez não — esta já habita os labirintos do poeta:

Como se assim essa Raquel que me habita
os labirintos em que me perco a esperá-la
como se assim fosse no meu pressentimento

Também no 5º poema da última secção do livro, o poeta diz “Eis-me rainha”, para logo continuar: “de quem me despeço”. Raquel, o absoluto da Poesia, que inclui também Portugal e a

poesia portuguesa, habita o poeta: ela é parte desse espaço labiríntico que define o próprio sujeito poético. Por isso, despedir-se desse centro (ainda que apenas imaginado) significa despedir-se de si próprio — e, contudo, significa continuar a olhar para si próprio. Ainda que à distância, esta configuração oferece sempre a possibilidade de uma outra vida nesta vida mesma, que, assim, não morre:

Eis-me rainha
de quem me despeço
no derradeiro dia por nascer
como se assim
a vossa sina
me olhar distante
na vida que não pude
na morte que não quis.

“Assim vos vejo em mim, a desvendar ausências”, dir-se-á mais adiante, de novo a remeter-nos para essa Rainha-Raquel, princípio feminino que é a possibilidade da criação, ou seja, também a poesia portuguesa como distância e possibilidade pressentida, distância e possibilidade pressentida de outros poemas e de outros “eus” em si. E a palavra “pres-sentir” faz-se *leitmotiv* nesta última parte do livro.

Naquele que será o último desta série de sonetos e, simultaneamente, o último poema da obra — como vimos, uma obra claramente assumida como neo-formalista, na esteira de formas exploradas sobretudo por Pessoa e Camões — o poeta-pastor deixa-nos o seu apelo, que é também a verdade última do seu desejo inesgotável: poder continuar a sua pastorícia, a sua errância e o seu nomadismo pelo que em

si se cala ainda, pelo que em si apenas se pressente. A sua errância e o seu nomadismo pela fala, que é a de Camões, a de Pessoa, a de Portugal, a de seus pais — e também a dos seus leitores, aqui ou no Brasil: a fala da língua e da poesia portuguesas, possibilidade infinita em que o poeta se move e, com ele, todos os poemas/rebanhos que lhe trazem a promessa que é razão da sua vida:

Não sei em mim no entanto o que se cala
no apelo que murmura em vossa fala
esse desejo aflito de esquecer.

A mim me basta o que por vós pressinto
e ao me deixar da vida a vós não minto
em vos pedir razão para viver.

Índice

Editorial	9
Martha Morais	11
António Salvado	15
Martha Morais	18
Alfredo Pérez Alencart.....	19
Martha Morais	23
Helena Villar Janeiro e Xesús Rábade Paredes	25
Martha Morais	28
Pedro Marqués de Armas.....	29
Martha Morais	34
Christopher Sawyer-Lauçanno	35
Martha Morais	41
aNa B	43
Martha Morais	44
Aires Gomes Fernandes	45
Martha Morais	47
Ângela Canêz.....	49
Martha Morais	58
Conceição Riachos	59
Martha Morais	64
Graça Capinha	65
João Rasteiro	67
Martha Morais	71
Jorge Fragoso	72
Martha Morais	76
Liliana Vasques	77
Martha Morais	78
Sandra Guerreiro.....	79
Liliana Vasques e Sandra Guerreiro.....	81
Margarida Amorim	83
Martha Morais	86
Rita Grácio	87
Martha Morais	89
L. Altério	91
Martha Morais	92
Graça Capinha (recensão).....	93

Índice

..... 01

..... 02

..... 03

..... 04

..... 05

..... 06

..... 07

..... 08

..... 09

..... 10

..... 11

..... 12

..... 13

..... 14

..... 15

..... 16

..... 17

..... 18

..... 19

..... 20

..... 21

..... 22

..... 23

..... 24

..... 25

..... 26

..... 27

..... 28

..... 29

..... 30

..... 31

..... 32

..... 33

..... 34

..... 35

..... 36

..... 37

..... 38

..... 39

..... 40

..... 41

..... 42

..... 43

..... 44

..... 45

..... 46

..... 47

..... 48

..... 49

..... 50

..... 51

..... 52

..... 53

..... 54

..... 55

..... 56

..... 57

..... 58

..... 59

..... 60

..... 61

..... 62

..... 63

..... 64

..... 65

..... 66

..... 67

..... 68

..... 69

..... 70

..... 71

..... 72

..... 73

..... 74

..... 75

..... 76

..... 77

..... 78

..... 79

..... 80

..... 81

..... 82

..... 83

..... 84

..... 85

..... 86

..... 87

..... 88

..... 89

..... 90

..... 91

..... 92

..... 93

..... 94

..... 95

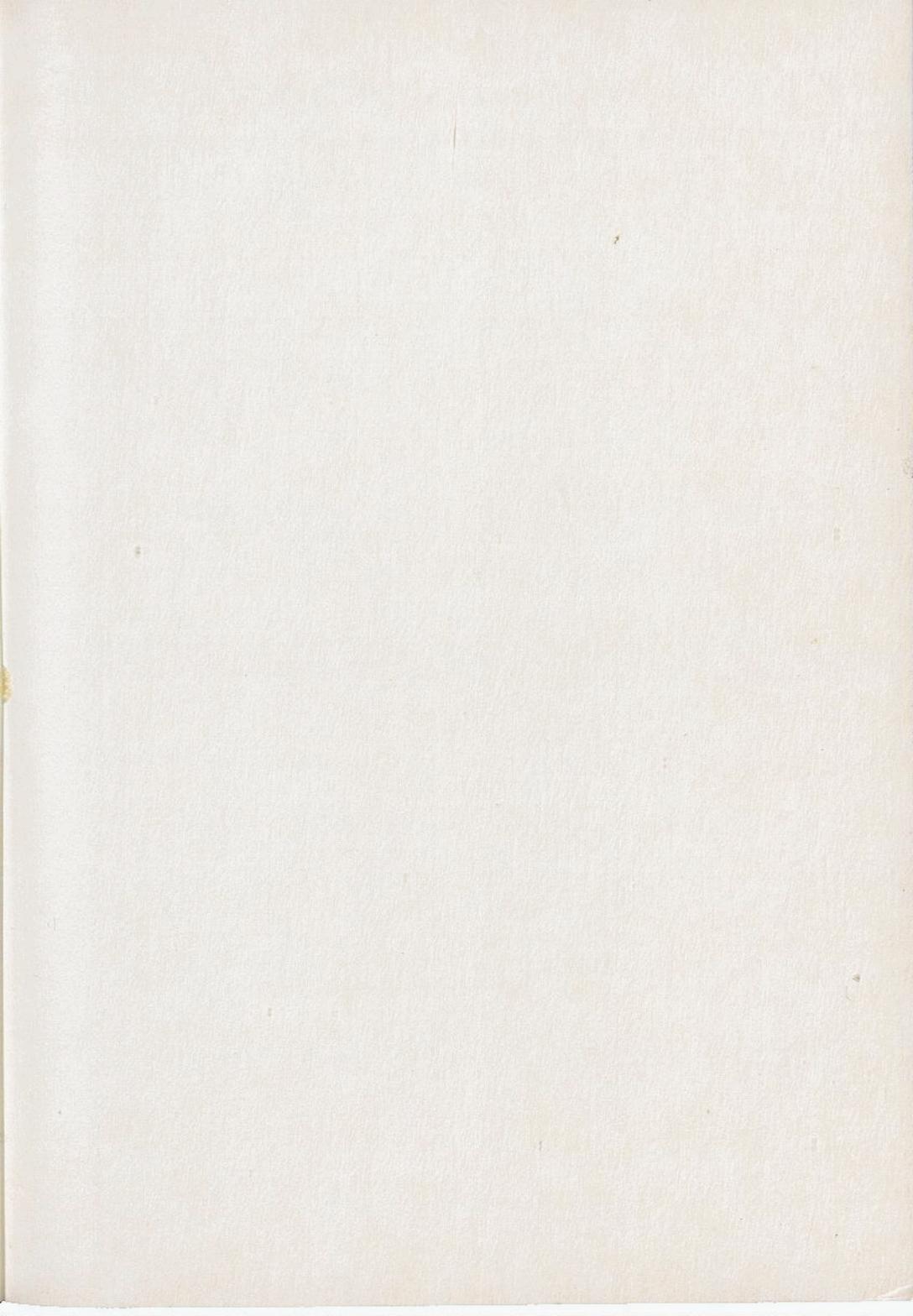
..... 96

..... 97

..... 98

..... 99

..... 100







Apoios:



Reitoria da Universidade de Coimbra
Conselho Directivo da Faculdade de Letras
da Universidade de Coimbra



centro de estudos sociais
FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA